

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DO CURSO DE PSICOLOGIA ENTRE EX-VESTIBULANDOS DE MEDICINA

Giovanna Maringeli (IC) e Erich Montanar Franco (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

Este artigo tem por objetivo analisar as representações sociais acerca da profissão de psicólogo e outros aspectos psicossociais que sustentaram essa escolha pelo curso de Psicologia entre estudantes que tinham como primeira opção a carreira médica. Foram realizadas 14 entrevistas semi-estruturadas com estudantes de Psicologia de uma universidade particular da cidade de São Paulo, todos prestaram vestibular para Medicina anteriormente. As entrevistas permitiram identificar representações sociais das profissões predominantemente voltadas para a prática clínica privada e para o trabalho em hospital. Em ambos os casos, destaca-se a aproximação com o trabalho médico. Os relatos dos entrevistados também indicam uma desvalorização das demais profissões quando comparadas à Medicina. Há uma supervalorização da profissão de Medicina associada ao status socialmente atribuído e à expectativa de alta remuneração. As duas profissões foram relatadas como profissões de cuidado: a Medicina foi associada ao campo da saúde e a Psicologia relacionada à conversa e acolhimento. As entrevistas nos permitiram constatar uma representação social do psicólogo como um profissional liberal, sendo a área clínica a mais presente no ideal coletivo, seguida pela área hospitalar, docência e organizacional. Houve também reflexão sobre o papel da orientação profissional nesse processo, considerando as influências que os adolescentes recebem para fazer a escolha profissional.

Palavras-chave: representações sociais, estudantes de psicologia, medicina, orientação profissional.

ABSTRACT

This article aims to analyze the social representations about the psychology profession, as well as to identify the psychosocial aspects that sustained this choice, to students that had medicine as the first option to follow the career. We conducted 14 semi-structured interviews with Psychology students, from a private University in the city of São Paulo, that have already tried to get into the Medical College. The interviews allowed us to verify a representation of the psychologist and the physician as a liberal professional, focused on the clinical area, as the work in a Hospital. In addition to this, there is an overvaluation of the medical profession associated to status and to the expectation of higher salary. The two professions were represented as care professions: medicine was associated with the field of health and a psychology related to “conversation” and welcoming. The related ones allowed us to verify a

social representation of the psychologist as a liberal professional, being the clinical area the most present in the ideal collective, followed by the hospital, teaching and organizational area. In addition to reflecting on the role of professional guidance in this process, considering the influences that adolescents adapt to make the professional choice.

Keywords: social representation, psychology students, medicine

1. INTRODUÇÃO

A escolha profissional é uma questão presente na vida de milhares de jovens em todo o mundo. No Brasil, esse delicado momento da vida dos estudantes é intensificado com as incertezas e pressões relacionadas aos vestibulares. Como sabemos, a aprovação não envolve apenas o acesso aos melhores cursos, envolve também aspectos econômicos, inserção vantajosa no mercado de trabalho, reconhecimento social, noções de sucesso profissional e sentimento de mérito. Além do fato de que a própria liberdade para a escolha é muito limitada às condições sociais nas quais estão inseridos (BARRETO; AIELLO-VAISBERG, 2007).

D'Avilla *et al.* (2011) exploram as concepções acerca da universidade e o valor destas para adolescentes oriundos de grupos sociais de baixa renda. Segundo os autores, para essa população a pressão vivida aumenta à medida em que o ingresso no ensino superior é condição para o reconhecimento social e pertencimento a grupos sociais dominantes. Trata-se da possibilidade de **ser alguém**, alcançar uma posição social de relevância, isto é, a formação identitária está diretamente relacionada à construção da identidade profissional (MAZER, 2010; BASTOS *et al.*, 2010). De forma inseparável à essa dinâmica social, os pais projetam nos filhos seus próprios ideais de trabalho e vida profissional, gerando expectativas que nem sempre podem ser cumpridas (DOS SANTOS, 2005; NEPOMUCENO; WITTER, 2010).

Nesse cenário de grande disputa, destacam-se os vestibulares para os cursos de Medicina. Em 2019, a relação candidato/vaga para os vestibulares da Universidade Estadual Paulista e Universidade Estadual de Campinas foi de 307 e 330, respectivamente (UNESP, 2019; UNICAMP, 2019). A elitização da formação em Medicina é historicamente notável, pois a preparação necessária para superar essa elevada concorrência é longa e custosa. Recentemente, políticas públicas de financiamento de mensalidades e de cotas para as universidades públicas possibilitaram a inclusão de jovens de baixa renda nesse disputado espaço.

Cursar Medicina no Brasil ainda está condicionado a elevados custos financeiros e emocionais resultantes dessa intensa disputa. Muitos candidatos se submetem por três ou quatro anos ao processo de preparação, avaliação e insucesso. Sem dúvida, são muitas as variáveis que sustentam todo esse investimento e o desejo pela profissão: prestígio, representações sociais acerca da profissão, ganhos financeiros, expectativas da família, caráter liberal da profissão, ideais relacionados, empatia por aqueles que sofrem, entre outros (JAMRA *et al.*, 2016; RAMOS-CERQUEIRA; LIMA, 2002). Destaca-se que o prestígio e a promessa de elevados ganhos econômicos fazem com que os índices de evasão da graduação em Medicina sejam baixíssimos (GOMES *et al.*, 2010).

Entretanto, após grande desgaste, um elevado número desses vestibulandos faz novas opções de carreira, muitas vezes na área da saúde. Cabe refletir sobre esse novo percurso: Quais as suas consequências para o sujeito? Quais os elementos psicossociais envolvidos na escolha de uma outra carreira? Quais seriam as repercussões desse processo no percurso acadêmico? Quais as expectativas desse estudante para a carreira?

O curso de Psicologia é uma outra opção dentro do campo da saúde que vem atraindo cada vez mais candidatos. Em 2018, para o vestibular da Fundação Vunesp, a relação candidato/vaga foi de 50 (FOLHA DE SÃO PAULO, 2017) e, em 2019, haviam 54 inscritos para cada vaga oferecida pela Universidade de São Paulo (JORNAL DA USP, 2019). Segundo o Censo da Educação Superior (INEP, 2017), Psicologia foi o sétimo curso com maior número de inscritos no país, com um total de 249.956 estudantes matriculados. Certamente, essa busca pelos cursos de Psicologia não atinge os patamares alcançados pelos cursos de Medicina, mas representa um importante aumento no interesse pela Psicologia.

Assim sendo, objetivamos compreender os aspectos psicossociais que envolvem as escolhas das carreiras de Medicina e posteriormente de Psicologia. Com isso, investigamos as representações sociais acerca da Psicologia e da Medicina; razões para mudança na opção de carreira e as percepções sobre o processo de formação profissional, o que inclui as dificuldades vividas, satisfação com o curso/profissão e expectativas para o futuro.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. As Representações Sociais

Segundo Moscovici (2011), a análise das representações sociais nos conduz ao debate sobre as formas de perceber e conceber a realidade, o que nos remete ao papel da ciência e sua distinção em relação ao conhecimento produzido pelo senso comum. O autor retoma as formulações de Émile Durkheim acerca das representações sociais e indica seu caráter prático, isto é, elas seriam artifícios explanatórios irreduzíveis a análises posteriores. Certamente, devemos ressaltar o valor dessa contribuição, contudo, a análise de Moscovici (2011) das representações sociais é mais ampla, pois a tarefa mais importante é compreendê-las e entender sua influência na vida cotidiana, pois a percepção da realidade é sempre distorcida, sustenta-se em premissas não questionadas, as quais refletem o modo de pensar de uma determinada comunidade. As representações sociais se constituem com base na familiaridade aparente entre eventos, consistem em tornar o desconhecido em algo familiar.

Destaca-se que as representações sociais correspondem a uma certa “atmosfera”, isto é, dizem respeito a uma condição social específica que envolve os sujeitos e que revela desiderabilidade. Todos os sistemas classificatórios, todas as imagens que sustentam o senso comum dentro de uma sociedade, inclusive as descrições científicas, dependem de relações prévias com sistemas e imagens pré-existentes. As representações sociais são coletivas e

compartilhadas e, além de explicarem uma determinada realidade social, têm caráter prescritivo. Elas se impõem sobre os sujeitos e decretam o que deve ser pensado. Dessa forma, os sujeitos do grupo social interpretam a realidade segundo representações compartilhadas e, por isso, emoções, decisões e ações frente ao mundo estão sempre relacionadas a essas explicações coletivas (MOSCOVICI, 2011). “A natureza específica das representações expressa a natureza específica do universo consensual” (MOSCOVICI, 2011, p. 53).

Como esclarece o autor, essas explicações/ordenações da realidade derivam de um processo cognitivo definido como ancoragem, pelo qual o desconhecido é inserido por meio da comparação em um sistema particular de categorias. Essas categorias são componentes de um processo de codificação da realidade, são assimiladas ao longo das gerações objetivando-se: as ideias sobre a realidade passam a ser consideradas como a própria realidade. Consequentemente, as mudanças nas formas de pensar resultam, necessariamente, de alterações nesses sistemas de representação (MOSCOVICI, 2011).

Partindo desses pressupostos, devemos reconhecer a grande influência das representações sociais acerca das carreiras na opção pelos cursos e na construção de expectativas profissionais entre os jovens. Contudo, há que se considerar que a produção dessas representações está sujeita a processos de interação social atravessados por distintos discursos que dificilmente traduzem com fidelidade a realidade cotidiana da formação acadêmica e da vida profissional.

As representações não dizem respeito apenas à repetição de discurso ou de uma realidade, mas de uma reconstituição desses, modificando seu conteúdo. Essa modificação é relevante na compreensão da temática da escolha de curso uma vez que fornecem uma contextualização dos sistemas de categorização de uma sociedade. Isso posto, um olhar próximo das representações de um grupo nos permite compreender as funções sociais da constituição daquela representação, observando seu distanciamento de uma realidade objetiva, possibilitando que novas pesquisas sejam feitas para que algumas temáticas negligenciadas possam ser mais bem observadas.

As profissões também são representadas de modo estereotipado pelos meios de comunicação e pelo imaginário popular, mas isso não significa que não há nenhuma correlação entre elas e a realidade, ou que não haja influência das práticas profissionais na produção dessas representações. O que deve ser enfatizado é o fato de que a maior parte dos atores sociais envolvidos na produção e reprodução dessas representações não está diretamente envolvida com os processos formativos ou com as práticas profissionais e, por isso, consistem em formas muito parciais e simplificadas de retratar as carreiras.

Características das profissões de Medicina e de Psicologia

A caracterização de uma profissão se dá a partir de elementos tais como as práticas profissionais, o conhecimento utilizado para o exercício dessas e o ambiente de trabalho. Para Pereira-Neto (1995, p.4) “o conhecimento em uma profissão deve ser complexo, sistematizado, institucionalizado, aplicável por poucos e de utilidade reconhecida pela clientela”. Assim sendo, esse conhecimento monopolizado por determinada profissão, confere autonomia e hegemonia da prática profissional, convencendo a sociedade de que apenas esses profissionais estão aptos a realizarem aquela atividade, sendo esse o modo de alcançar prestígio social e poder almejados. O valor socialmente atribuído a uma profissão também é conhecido como status, que segundo a definição de Ollivier (2009, p.3): “se refere às avaliações coletivas de superioridade e inferioridade que adquirem uma existência além das crenças individuais e que influenciam as relações sociais de várias maneiras”.

Machado (1995) elenca elementos sociológicos que compõem a profissão médica: autonomia profissional, monopólio de serviços e especializações, o que contribui para uma autoridade profissional. Ramos-Cerqueira e Lima (2002) incluem dentre essas características o altruísmo, a mentalidade investigativa e a crença de ter poder sobre a vida e a morte. Millan et al. (2005) aponta que entre os estudantes de Medicina há um forte desejo de ajudar as pessoas e de se sentir útil. No que diz respeito ao psicólogo, Dimenstein (2000) afirma que a maioria dos estudantes de Psicologia no país aspira ao ideal liberal de atuar com seus iguais (a classe média urbana), bem como ter uma formação clínica dentro do modelo de atendimento individual. É esta a imagem da profissão mais conhecida e valorizada pelos profissionais e pelo público leigo. A realidade profissional do psicólogo também é composta pelo seu objeto de estudo: a subjetividade do ser humano e o objetivo profissional de preservar o bem-estar biopsicossocial (GONDIM, 2010). Para o psicólogo, a clínica é o ambiente de trabalho mais escolhido pelos profissionais e também o mais conhecido pelo senso comum, todavia, outras áreas de atuação compõem a identidade profissional como: organizacional, saúde e docência. (BOTOMÉ, 2010; BETTOI; SIMÃO, 2000; MAZER; MELLO-SILVA, 2010; MELLO, 2010; PRAÇA; NOVAES, 2004; REIS; GUARESCHI, 2010; SOUZADAVI *et al.*, 2016).

Na tentativa de transformar esse cenário e atender às novas demandas sociais, de formar psicólogos considerando outras abordagens além da clínica privada, o Ministério da Educação (MEC) regulamentou as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Psicologia (2004), as quais preconizam uma formação baseada em princípios e compromissos voltados para a compreensão de diversos referenciais teóricos que favoreçam a apreensão das interfaces dos fenômenos psicológicos, biológicos e sociais. Apesar disso, a perspectiva sobre o fazer do psicólogo ainda se apresenta fundamentada nos preceitos

clínicos tradicionais pautados pelo modelo biomédico. Essa forma é reconhecida como sendo a principal contribuição do psicólogo para os serviços de saúde. Dentre esses profissionais, apenas alguns reconhecem os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) como norteadores para o trabalho em saúde (CINTRA; BERNARDO, 2017).

Alguns autores apontam que além da atuação do psicólogo estar pautada na prática clínica, sua formação para o atendimento psicológico é altamente subjetivista e individualista não considerando as condições sociais, históricas e culturais presentes nas experiências subjetivas. Essa formação e prática individualistas prejudica, por exemplo, a atuação do psicólogo no Sistema Único de Saúde (SUS), uma vez que o público de atendimento é diversificado e exige uma abordagem que considere o sujeito em sua integralidade (BOSI; CARVALHO; FREIRE, 2009; RONZANI; RODRIGUES, 2006; YAMAMOTO et al., 2010; GONDIM; BASTOS; PEIXOTO, 2010; SOUZADAVI et al., 2016; SCHNEIDER; MOREIRA, 2017).

3. METODOLOGIA

Nesta pesquisa, adotamos os pressupostos que sustentam a pesquisa social, isto é, consideramos os participantes como pessoas que, pertencentes a determinado grupo social, apresentam crenças, valores e significados próprios de seu grupo de origem. Portanto, nosso objeto de estudo não é pautado em números, tampouco a ênfase da investigação recaiu na possibilidade de generalizar ou provar hipóteses relacionadas ao fenômeno, mas em identificá-lo e compreendê-lo. Entendemos que a entrevista é uma técnica na qual sentidos são produzidos, compartilhados e transformados. Por isso, buscamos apreender o ponto de vista dos entrevistados por meio do diálogo, facilitando a ampliação e o aprofundamento do encontro intersubjetivo (MINAYO, 2007).

A fim de apreender as representações sociais acerca da profissão de psicólogo e contribuir para a ampliação do debate a respeito da escolha profissional, entrevistamos 14 estudantes de Psicologia, todos da mesma universidade particular da cidade de São Paulo. Todos haviam prestado vestibular para Medicina ao menos uma vez. Abordamos os seguintes aspectos: **a)** motivos e expectativas relacionados às escolhas dos cursos (Medicina e Psicologia); **b)** processos de escolha (estratégias, recursos, influências; conhecimentos sobre as carreiras); **c)** percurso percorrido desde os primeiros vestibulares para Medicina até o momento atual no curso de Psicologia (satisfação com o curso, dificuldades encontradas, aproveitamento do processo formativo e as atividades acadêmicas e cotidianas no curso; **d)** Projetos e expectativas para a vida profissional. Após transcrição do material gravado, organizamos o conteúdo das entrevistas dentro dos seguintes temas: a escolha pela Medicina, a mudança para a Psicologia, representações sociais da Medicina e da Psicologia, possibilidades de

atuação em Psicologia e expectativas para o futuro. A análise dos resultados se deu a partir da retomada do referencial teórico e dos debates contemporâneos acerca do psicólogo, seu trabalho e seu papel social.

Todos participaram de forma livre e esclarecida, sendo preservadas as identidades dos participantes. O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, obtendo aprovação. Todos os entrevistados demonstraram interesse pelo tema e apresentaram boa disposição para responder às questões propostas. Para preservar a identidade dos entrevistados utilizaremos nomes fictícios. Participaram dez estudantes do sexo feminino e quatro estudantes do sexo masculino. Dos entrevistados três chegaram a cursar Medicina, os outros apenas prestaram vestibular para o curso.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Representações sociais da Medicina e da Psicologia

A análise das entrevistas indicou que as representações sociais dos cursos de Medicina e Psicologia são constituídas a partir de uma categorização cuja principal referência é a Medicina e o médico. Os relatos sugerem três diferentes tipos de representação do profissional: 1) *médicos*; 2) *quase médicos*; 3) *não médicos*. Dentro dessa atmosfera consensual, os médicos são os profissionais que possuem maior prestígio social, melhor remuneração, satisfação pessoal, autonomia profissional e uma tendência ao altruísmo, uma vez que enfrentam rotinas desgastantes para salvar vidas. Esses profissionais são reconhecidos como heróis. Ao passo que os psicólogos são aqueles profissionais que por meio de uma escuta profissionalizada, uma conversa, são capazes de cuidar da alma e do sofrimento humano, sendo essa uma forma de promoção de saúde. O caráter liberal da prática clínica privada, bem como a relação estabelecida entre psicólogo e paciente, confere a esse profissional um status de quase médico. Nesse sentido, os relatos sugerem que a escolha pela Psicologia teve como sustentação aspectos que remetem às representações do campo médico. Durante as entrevistas, todas as outras profissões foram agrupadas dentro da categoria *não médicos*, pois não possuem o mesmo reconhecimento social e não se relacionam de forma direta com a saúde humana. Esse aspecto merece destaque, pois dá indícios de concepções sobre a saúde pautadas pelo modelo biomédico, excluindo diversas profissões da saúde. As variáveis sociais e históricas relacionadas ao processo saúde-doença não estão presentes nas reflexões sobre as escolhas dos participantes da pesquisa.

Os aspectos econômicos e o status social do médico parecem ser elementos centrais na busca pela Medicina entre os estudantes que participaram da pesquisa. Conforme Millan *et al.* (2005), a busca pelo curso de Medicina é reservada a uma elite econômica. Um dos motivos que levam os candidatos a essa escolha seria a manutenção de sua posição social e

econômica. Para aqueles que fazem parte de outra realidade socioeconômica, a Medicina significa uma oportunidade de ascensão social. O entrevistado Lucas verbalizou sobre o sonho de comprar uma casa própria para sua mãe:

(...) eu pensava, ah quando eu for médico eu vou poder ajudar minha mãe, vou poder comprar a casa né, vou poder fazer isso, aquilo e era isso, já tinha uma representação de que médicos eram na maioria das vezes ricos, isso foi um fator que foi muito decisivo. (Lucas)

Associado à alta remuneração, está o prestígio e o reconhecimento social da profissão médica. Esse status é facilmente observável no relato de Luana, por ter cursado Medicina:

(...) aquela sensação de tipo 'nossa eu tô [sic] na faculdade, eu tô [sic] fazendo Medicina' tem aquele status, você fica, caramba, 'nossa o que você faz', 'eu faço Medicina', a galera fica tipo: 'meu Deus', sabe? tem um peso muito grande... A galera tá muito preocupada com: 'não, vou sair daqui, vou ter dinheiro, vou ter status, vou estar bem na vida e tudo' (Luana).

O reconhecimento social da profissão médica parecer ser um elemento central na escolha pela profissão, se sobrepondo aos próprios desejos e às vocações. Cursar Medicina significa pertencer a um estrato social com maior mérito. Isso é reforçado pelos próprios estudantes de Medicina, como abordado pelos entrevistados que cursaram Medicina por um tempo. Os fragmentos abaixo ilustram esses aspectos.

(...)E status (...) é uma coisa que conta sim. Por exemplo, isso já começa desde a graduação, na faculdade, o nosso prédio, o prédio da Medicina, era separado dos outros prédios, era a gente e os outros. E aí os outros eles chamavam de 'sub' [sic], o pessoal da Medicina chamava de 'sub' [sic], que era 'subcurso' [sic]. (...) Era um sentimento muito de nós e eles, sabe assim? (...) Porque isso já estava no meu pensamento, por estar naquele ambiente (Clarice).

(...) pelo discurso dava para ver, tipo 'se você passar em Medicina você vai, né?'. Como se Medicina fosse melhor que Psicologia, então mesmo eu não querendo, eu deveria ir (Giulia).

(...) eu sempre gostei de desafiar muito a mim mesma e fazer as coisas mais difíceis porque eu queria ser a melhor, ou conseguir o melhor que eu poderia e falar: 'olha só, eu consigo'. Então, qual o curso mais difícil de entrar? Aí eu falei: 'é esse'. Então vai nele (Melissa).

Os relatos parecem confirmar as afirmações dos autores de que há um sentimento de onipotência sobre a doença e a morte relacionado à Medicina, algo muito diverso das representações sobre a profissão de psicólogo (RAMOS-CERQUEIRA E LIMA; 2002). Enquanto vestibulandos, os entrevistados associavam uma imagem heroica aos médicos, profissionais que salvam vidas, sendo isso um fator de reconhecimento social.

No começo era algo mais idealizado, tipo, cuidar das pessoas, salvar vidas, um papel de grande responsabilidade mesmo. Então eu vi o médico como um herói, basicamente. Aí, nossa o médico pode cuidar da sua saúde, pode acabar salvando sua vida, essas coisas (Alessandra).

Estudada por Silva (2004), essa idealização que se apresenta com certo distanciamento da técnica profissional e é confirmada pela mídia, também foi reproduzida por algumas das participantes:

É muito Grey's Anatomy. É engraçado, mas é real. Achava que era tudo lindo, maravilhoso, que você vai conseguir resolver os problemas do mundo, que você vai ser uma super heroína. E, além disso, vai ganhar super bem... Salvar vidas e ajudar às pessoas. Quando a gente pensa em um herói a gente sempre pensa em salvar vidas, na Medicina era isso. (Luiza)

De acordo com os entrevistados, aos psicólogos, por serem *quase médicos ou por associação*, também é atribuído um certo valor social, ainda que reduzido em relação à Medicina. Essa valorização já foi bem descrita por Dimenstein (2000) como o ideal de profissional liberal atribuído à Psicologia. A atuação clínica do psicólogo confere a ele um status de profissional associado à autonomia profissional com remuneração elevada, ainda que comparativamente menor que a do médico. Além disso, nessas representações, as práticas psicológicas em geral fazem parte de um percurso necessários até alcançar as vantagens da prática clínica liberal e privada. Conforme fragmentos abaixo:

Ser psicólogo, também é uma coisa que está muito relacionado ao status, né? Porque, teoricamente, ambas profissões exercem algum tipo de poder, entre a sociedade, alguma coisa do tipo. Só que eu acho que é muito menor do que a do médico(...) para mim, ser um psicólogo, hoje em dia, é ocupar uma posição de status social, também, mas só que um status muito mais humano(...) (Lucas).

Então, foi mais por isso assim, que eu escolhi a Psicologia. Que eu acho que a Psicologia, eu até falo que a Psicologia é como se fosse uma Medicina, só que menos aceita[sic], né? (Mariana).

Eu me vejo trabalhando assim, depois que eu sair da facul [sic], numa empresa ou numa escola, que eu consiga crescer aprender e depois quando eu conseguir um dinheirinho maior, ou trabalhar menos, alguma clínica e já ser um pouco mais autônoma querendo ou não, eu gosto dessa coisa de ser autônoma porque eu faço meus horários, não fico dependendo dos outros sabe assim, dependo de mim, do meu fazer (Fátima).

Os relatos sugerem que as representações sociais da prática profissional em Psicologia estão distanciadas da realidade profissional cotidiana da maioria dos psicólogos. Parecem estar sustentadas na ideia de que o exercício da profissão é subjetivo, definido pela própria opinião e distante de referenciais teóricos. A Psicologia é representada como uma profissão de ajuda por meio da conversa e que possui uma relação mais humanizada com o paciente, olhando para o seu sofrimento. Atributos desejados para obter êxito nesse trabalho estão diretamente relacionados a características pessoais. É preciso ser perceptivo, observador, calmo, saber ouvir as pessoas e uma neutralidade.

(...)Tipo [sic], a Psicologia tem essa parte biológica, né [sic], a gente tem aula de neuro e tudo mais, mas ela também tem muito essa parte subjetiva que eu sempre gostei e aí eu comecei a perceber que eu me identificava mais com a Psicologia que com a Medicina (Isadora).

Mas o que mais me falavam era aquilo, que eu seria uma ótima psicóloga, que eu sei ouvir as pessoas, que eu entendo o outro, o que a pessoa está passando. (...) Acho que é saber escutar, né, manter, neutralidade, não opinar, quando a pessoa está desabafando (Ivone).

O altruísmo também é indicado pelos entrevistados como uma característica pessoal necessária. Para eles essa característica se manifesta no desejo em cuidar do outro, além da possibilidade de trabalhar em um hospital e o estudo das doenças psíquicas. Conforme

Schoeller, Leopardi e Ramos (2011), essa perspectiva sobre o cuidado e a prática profissional parece estar bem distante da realidade da maioria dos psicólogos brasileiros. Não se questiona o fato de a profissão estar dirigida para o cuidado, mas cabe pensar a atenção à saúde como um direito. Além disso, a crença na prática profissional como simples expressão de características subjetivas pode se desdobrar na tradução do sofrimento a partir dessas mesmas características, a partir da visão de mundo própria a seu grupo de pertencimento. Algo muito distante da neutralidade pretendida.

A escolha pela Medicina

De acordo com os relatos, o processo de escolha profissional foi influenciado por diversos fatores como: as relações familiares e as expectativas dos pais, a forma com que a escola aborda as profissões, as representações sociais acerca do curso e disciplinas escolares reconhecidas pelo estudante como similares aos conteúdos que seriam abordados no curso escolhido. Experiências de orientação profissional, psicoterapia e adoecimento também são de grande influência. Além disso destaca-se a grande influência dos cursinhos preparatórios para o vestibular no que diz respeito à difusão de representações sobre as profissões e sobre os cursos. Esses aspectos de ordem social e cultural são relevantes para compreender as escolhas de curso e que perduram no grupo entrevistado, como apontado por Barreto e Aiello-Vaisberg (2007) e Dos Santos (2005).

Almeida e Mello-Silva (2011), em seu estudo de revisão bibliográfica sobre a influência dos pais no processo de escolha da carreira de filhos adolescentes refletem sobre os três pontos principais dessa discussão: a comunicação estabelecida com os filhos referente ao desenvolvimento vocacional, atividades praticadas entre pais e filhos e expectativas dos pais em relação ao futuro dos filhos. Para Dos Santos (2005), os jovens não fazem suas escolhas baseadas nos pares, contudo, são influenciados por pessoas significativas em suas vidas. O que nos leva a ponderar o papel dos pais e familiares nesse processo.

Uma das entrevistadas, Luiza, cuja mãe é médica, relatou que ela sempre incentivou a filha a fazer o curso de Medicina. A mãe de Fátima, é psicóloga, e sempre quis ter uma filha médica. No caso de Luana, sua mãe é enfermeira e levou-a ao hospital para conhecer seu ambiente de trabalho. O relato a seguir exemplifica como essa influência foi exercida:

Sim, com certeza, para ela só Medicina era importante, era a única carreira que era possível e imaginável (...) ela não falava: 'você precisa ser médica', mas ela falava que Medicina era tudo (Luiza).

Sendo a família o primeiro meio social em que o indivíduo está inserido, a profissão pode ser uma estratégia de participação social, iniciada pelos familiares. Desde a infância a temática da escolha profissional já aparece nos questionamentos sobre os planos para a vida adulta, ou até mesmo na forma de sugestão, como no caso de Giulia. Sua mãe ficara doente

quando ela era pequena, ela relata que seus parentes e os médicos com os quais ela tinha contato a motivavam a ser médica, reforçando seus comportamentos de cuidado:

(...) minha mãe teve um processo muito complicado de doença e ela precisava de cuidados (...) quem cuidava dessas coisas era eu (...) e as pessoas me reforçavam muito por isso: 'olha que lindo, cuidando da mãe' (...) 'ai [sic] que lindo, vai para a área da saúde', e sempre 'vai ser médica' não é só área da saúde (...) eu ficava super feliz, né[sic]? (...) E acho que isso construiu muito do que eu gosto de fazer, e de cuidado, e acho que também tem a questão do gênero (Giulia).

A possibilidade de cursar Medicina, assim como as primeiras representações dessa profissão para outros entrevistados foram relatadas como consequência de experiências pessoais com hospitais, palestras ou livros. Joaquim decidiu fazer Medicina quando leu um livro de Augusto Cury ao saber que o autor é médico, pensou que queria ser igual a ele. Esse autor é famoso por suas obras que visam ensinar métodos para um aprimoramento da inteligência e controle emocional de forma autônoma, com promessas de transformação de vida. O que favorece uma visão onipotente do médico enquanto um profissional detentor de segredos valiosos. Para Joaquim, além de uma busca por ideais dessa profissão, um longo processo de doença em sua infância também influenciou na escolha do curso. Marina e Lucas sentiram-se motivados a fazer Medicina devido ao sentimento de impotência que a doença de parentes causou. Como apresentado por Ramos-Cerqueira e Lima (2002), uma das motivações para a escolha desse curso é o desejo de se proteger ou proteger seus familiares da morte, relacionado com a sensação de impotência frente a doença, mencionada por Lucas:

(...) minha avó (...) ela ficou doente por muito tempo, começou a entrar no estado terminal. E eu via ela [sic] em cima da cama e eu não poderia fazer literalmente nada. Aí, eu comecei a ficar com essa associação de que eu tinha que fazer alguma coisa. Aí, essa coisa que eu tinha que fazer eu já associei com, sei lá, ser um profissional da saúde (...) (Lucas).

Essa busca por poder, enquanto um sentimento de capacidade de intervenção em situações limitantes revelou-se como um fator relevante na escolha. A escola foi descrita como um lugar de forte influência, que sinalizou quais os cursos mais valorizados, atribuindo valor meritocrático para quem consegue cursá-los. Doze entrevistados são oriundos de escola particular, apenas dois estudaram em escola pública a vida toda. Há nos relatos uma perspectiva elitista e competitiva, sendo o curso uma estratégia de posicionamento favorável e destacado nas relações sociais. Segundo os entrevistados, a Medicina, assim como o direito e a engenharia, compõe a tríade dos cursos mais estimados e incentivados pelos colégios particulares, como vemos no fragmento abaixo:

(...)lá em Goiânia eu tinha bastante pressão dos cursinhos e das escolas de tipo [sic] você escolher cursos como Medicina, engenharia ou direito. (...) Era escola particular, sempre estudei em escola particular lá. (...) Era muita pressão, era tipo [sic] muita pressão mesmo, de sei lá, o professor exatamente falar que tipo [sic], se você não fizer isso [um dos três cursos citados] você não vai ter futuro, sabe? (Luana).

Entre os entrevistados, esse status atribuído aos cursos também está presente na escolha da universidade, havendo uma desvalorização de universidades particulares:

No colégio, eles super [sic] menosprezam faculdades particulares (...) eles nem citavam, eu nunca pensei assim. Eles não falam tanto de Medicina, mas são os cursos mais fortes: Medicina, engenharia e direito. São super estimadas essas três, mas não que eles desestimulem as outras. (Luiza)

Segundo os participantes, a escola foi o local no qual as explicações sobre qual ramo do conhecimento é contemplado pelas profissões ocorre. A Medicina aparece diretamente associada à biologia e ao estudo do corpo humano. Enquanto a Psicologia é relacionada às ciências humanas e o estudo da *psiquê*. Todos os entrevistados afirmaram buscar uma profissão na área da saúde, entretanto, a primeira opção de curso foi a Medicina, o que sugere representação social hierarquizada sobre as profissões da saúde, apontando para prática médica em primeiro lugar. Vale notar que oito entrevistados demonstraram interesse pela saúde mental, expresso no desejo de fazer especialização em psiquiatria.

A mudança para a Psicologia

Para Joaquim, José, Lucas e Alessandra, a revisão da escolha profissional parece estar diretamente relacionada ao desgaste emocional vivido durante a preparação para as sucessivas provas vestibulares para os cursos de Medicina. Apenas um dos entrevistados cursou poucos meses o curso preparatório, os demais cursaram entre um e quatro anos. Os cursos preparatórios foram considerados por todos como um momento de muito aprendizado, porém, de muito desgaste emocional, pois sentiam-se muito pressionados, tanto por seu meio social quanto por uma cobrança interna. A longa e desgastante permanência no cursinho, em casos como o de Joaquim, foi um fator importante para considerar uma segunda opção de curso.

Primeiro porque eu fui bem realístico em ponderar que eu 'estou há três anos no cursinho, preciso entrar numa faculdade e as chances que eu tenho são para uma Psicologia', foi bem racional assim, é o que tá tendo [sic], aí eu fui para a Psicologia (Joaquim) .

Além das dificuldades de ingresso nos cursos de Medicina, a mudança de escolha de carreira entre os entrevistados ocorreu em decorrência do abandono de identificações iniciais com as representações do curso de Medicina por vezes relacionado à aproximação com a formação em Medicina. Marina afirmou a respeito de sua experiência na faculdade de Medicina:

O que me desencantou realmente, foi esse fato de ser muito frio (...) eu conversei com alguns professores oncopediatras, quando você se aprofunda um pouco mais, você vai vendo que o oncopediatra ele é aquele que assim, ele visita a criança uma vez, se a criança está internada, uma vez por dia, não é aquele que está lá por ela, entendeu? E eu queria fazer mais do que só chegar lá, olhar para ela e falar: 'tá, é isso' (Marina).

Duas participantes, Mariana e Clarice relataram que a prática médica não era como imaginada, foi o que as levou a abandonarem o curso. Luana, depois de sua trajetória na graduação em Medicina e do ingresso na Psicologia, também percebeu que o contato que queria com seus pacientes podia ser obtido na Psicologia e não na Medicina, como pensara.

No relato das três, está presente a representação humanizada atribuída à atividade do psicólogo, enquanto a prática médica foi associada à doença.

Estudos na área de Orientação Profissional, como os realizados por Costa (2007) e Dias e Soares (2007) nos levam a considerar a importância de uma instrução adequada para a escolha profissional e a significância da profissão na vida dos adolescentes. A escolha profissional é um marco na transição para a vida adulta e para muitos, como também proposto por D'Avilla *et al* (2011) é uma questão identitária, uma possibilidade de **ser alguém**. O relato de José, mostra que ele se percebe como “nada” e precisaria se espelhar no avô para ser socialmente reconhecido:

Então eu cresci sendo comparado com o meu avô o tempo todo, meu avô uma imagem super grande na cidade, e eu nadinha. Claro que eu queria ser como meu avô, entendeu? Então eu fui crescendo sendo comparado com o meu avô e meu avô fez Medicina, eu fiquei com isso (José).

Há também um pensamento de que a escolha de carreira estaria relacionada a uma pré-disposição ao exercício da Psicologia e corroborado pelo que, para os entrevistados, acredita-se ser o papel da orientação profissional, como se houvesse um profissional interior em cada um a ser descoberto, uma noção de vocação, como um chamado para realizar uma profissão. Como apresentado por Bettoi e Simão (2000), estudantes de Psicologia que estão no começo do curso, tendem a apresentar uma concepção de profissional mais relacionada a essas qualidades pessoais, o que muda ao longo curso. Isso se aplica aos entrevistados, pois doze deles presentemente cursam até o quarto semestre da graduação.

Cinco entrevistados afirmaram terem participado de processo de orientação profissional, dentre eles, três buscaram a orientação antes de prestar vestibular para Medicina e outros dois quando já estavam em dúvida quanto à opção inicial de curso. Luiza, buscando corresponder às expectativas de sua mãe, para confirmar a opção pela Medicina, afirma ter manipulado o teste profissional:

Eu fiz teste vocacional sim, por fora, mas eu manipulei, era óbvio. Minha mãe queria que eu fizesse, mas eu manipulei para dar Medicina. Era muito óbvio o que ela queria ouvir. (Luiza).

Os relatos de quem realizou orientação profissional, mostram que há uma busca por um resultado, um descobrir de algo que está em seu interior, apontando para uma ideia de profissão relacionada à personalidade. Como se houvesse um profissional pronto dentro de si.

Eu tava [sic] no terceiro ano, cara, para mim eu acho que nem adiantou muito (...) deu Psicologia como segunda opção(...) no meu coração era Medicina e ponto. Mas eu coloquei lá só para mostrar que o trabalho dela não foi em vão. Depois, inclusive quando eu comecei a pensar em Psicologia, nos três meses que eu tive para pensar, eu falei, caraca [sic], agora que eu tô [sic] pensando na relação que eu tive com a terapeuta. (...) Aí depois eu comecei a pensar na relação com ela (José).

Além da orientação profissional, nove estudantes fazem ou já fizeram psicoterapia. Os entrevistados afirmam que a figura do psicólogo foi mais significativa no momento de mudança de curso, eles não apontaram a relação com seus psicoterapeutas como os fatores iniciais de influência para a escolha da Psicologia, mas como importantes para reafirmar essa escolha.

(...) quando eu decidi sair da Medicina eu só pensava na minha psicóloga, eu pensava: 'meu, se eu for um dia um terço da pessoa que ela é, e conseguir ajudar alguém um terço do que ela me ajudou em toda a minha vida, eu acho que vai ser muito bom para mim, eu acho que eu vou estar muito feliz com isso'. E aí foi quando eu falei para ela, falei: 'putz doutora, eu tô [sic] pensando em fazer Psicologia e tal'(...) (Mariana).

Possibilidade de atuação em Psicologia e expectativas para o futuro

No decorrer do curso de Psicologia, outras opções de atuação foram consideradas, o que podemos observar com os planos dos entrevistados para depois do término da faculdade. Além da clínica privada, também são desejadas as áreas e espaços de atuação: hospitalar, organizacional, escolar e carreira acadêmica. De acordo com os relatos, houve uma reconsideração dos projetos inicialmente relacionados à Medicina, como trabalhar em uma clínica ou em hospital, contudo, nove dos catorze entrevistados ainda tem como principal objetivo a prática clínica (privada ou em ambiente hospitalar). Os entrevistados que relataram a busca por outras áreas de atuação demonstraram interesse pela Psicologia escolar e pela carreira acadêmica. Também ficou explícito o desejo por trabalhar em mais de uma área de atuação. Isso sugere que ao longo do curso os futuros profissionais vão se aproximando de outras possibilidades de atuação e começam a compreender as condições de trabalho no campo da Psicologia. Conforme Gondim, Bastos e Peixoto (2010), 96% dos psicólogos brasileiros combinam duas ou mais áreas de atuação em seu cotidiano. Há ainda uma busca por remuneração e a permanência no objetivo pessoal de "ajudar as pessoas". Todos os entrevistados afirmaram estar satisfeitos com o curso atual e se identificarem com o curso, ainda assim, quatro entrevistados afirmaram que talvez fizessem Medicina no futuro. Abaixo alguns fragmentos que ilustram os aspectos abordados acima:

Então eu penso em terminar minha iniciação [sic] (...) e aí quem sabe seguir para um mestrado com essa iniciação. Para ter um acesso a ser um professor, ou alguma coisa assim, pelo mestrado. Acho que esse é o meu sonho, mas o que eu estou fazendo agora é trabalhando numa corporação, sou corporativo agora, está indo para esse caminho, mas o que eu quero para minha vida é dar aula (Joaquim).

(...) eu entrei aqui e falei: 'ah vou trabalhar na clínica', hoje eu já não quero mais clínica. (...) eu tô [sic] muito interessada na área de Psicologia escolar (...) então, hoje eu me imagino assim, trabalhando com crianças também e aí eu já não sei, talvez também uma clínica com crianças, mas acho que mais na área escolar e mais com criança (...) (Alessandra).

Os relatos nos conduzem à reflexão de que as representações sociais podem mudar ao longo do curso, à medida em que os estudantes se aproximam da prática e técnica profissional. O conhecimento da realidade social e financeira também é fator de mudança. A

prática clínica, a primeira representação social evocada para a escolha da profissão, pode perder sua atratividade quando se descobre que é a área menos remunerada, com média de 1 a 3 salários mínimos (GONDIM; *et al*, 2010). Em contrapartida, a carreira acadêmica é a que oferece maior remuneração, sendo considerada uma opção de atuação. É preciso considerar o contato e a identificação com os docentes das diversas áreas como elementos importantes na construção da identidade profissional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o grupo estudado, a Medicina é representada como uma posição hierarquicamente superior nas relações sociais. Consiste em referência central para a elaboração de estratégias de reconhecimento social. Nesse sentido, são reproduzidos discursos meritocráticos apoiados na desqualificação das demais áreas da saúde, o que consequentemente resulta também na desqualificação dos sujeitos que optam por essas profissões. Em grande medida, o que está em jogo na escolha profissional não é a realização pessoal por meio de uma prática profissional, tão pouco uma reflexão crítica e livre sobre as profissões e seu cotidiano, mas sim o reconhecimento pelo mérito de ter conquistado um lugar reservado para poucos. Replica-se uma lógica da concorrência legitimada por representações que desqualificam outras áreas da saúde. Esse processo pode perpetuar representações do processo saúde-doença como eventos restritos a aspectos biológicos. No entanto, a vivência no curso de Psicologia parece ter ampliado as reflexões sobre o trabalho do psicólogo, o qual deixa de ser entendido apenas como uma versão inferior da Medicina, tanto no que diz respeito ao mérito pessoal quanto ao valor social dessa prática em saúde. Desse modo, cabe ressaltar a importância das reformulações acadêmicas resultantes das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia. Ao mesmo tempo, vale destacar o quanto ainda persistem no campo representações da Medicina e da Psicologia que distorcem o valor social dessas profissões no Estado de Direito. Essas distorções distanciam os estudantes da realidade das práticas profissionais, bem como das demandas sociais que se apresentam a ambas as profissões. O médico tem como local de trabalho o hospital e cabe a ele, sujeito altruísta e cheio de mérito, salvar vidas. Esse profissional é representado como virtuoso. Mas, vale lembrar que, para alguns, a vivência no curso de Medicina permitiu que essa perspectiva fosse revista. Na esteira desse sucesso inquestionável do médico, se encontra o psicólogo, profissional que também atua clinicamente em seu consultório, gozando de reconhecimento similar, porém inferior, sua atuação é diretamente relacionada aos sentimentos humanos, tendo como método a conversa. Cabe refletir sobre os distintos valores atribuídos à recuperação funcional do corpo e à atenção ao sofrimento psíquico em nossa sociedade.

Consideramos que os resultados desse trabalho contribuem para o debate sobre a importância da orientação profissional e de como os jovens são pressionados a tomar

decisões sobre a carreira sem que tenham elementos concretos para refletir sobre o trabalho, a sociedade e o futuro que buscam para si, o que leva a situações de sofrimento. As vivências acadêmicas se demonstraram muito importantes para que os estudantes pudessem repensar suas carreiras. Por isso, faz-se urgente repensar o papel do ensino médio quanto a temática trabalho. Partindo dos relatos, as representações sociais sobre as profissões e o trabalho distanciam os estudantes da reflexão sobre a relevância social das profissões e do significado do trabalho, o que pode impactar no envolvimento e comprometimento com a formação profissional e na qualidade da prática profissional.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fabiana Hilário de; MELO-SILVA, Lucy Leal. Influência dos pais no processo de escolha profissional dos filhos: uma revisão da literatura. **Psico-USF**, v. 16, n. 1, p. 75-85, 2011.

BARRETO, Maria Auxiliadora; AIELLO-VAISBERG, Tania. Escolha profissional e dramática do viver adolescente. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1, p. 107-114, 2007.

BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **O trabalho do psicólogo no Brasil**. Bookman, 2010.

BETTOI, Waldir; SIMÃO, Livia Mathias. Profissionais para si ou para outros?: Algumas reflexões sobre a formação dos psicólogos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 20, n. 2, p. 20-31, 2000.

BOSI, L. M. L.; CARVALHO, L. B. e FREIRE, J. C. A prática do psicólogo em Saúde Coletiva: um estudo no município de Fortaleza (CE), Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 29 (1): 60-73, 2009.

BOTOMÉ, Silvio Paulo. A quem nós, psicólogos, servimos de fato. **Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil**, p. 169-202, 2010.

Censo da Educação Superior 2017. **INEP**, Brasília, 2018.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo/file> Acesso em: 10 mar. 2019.

CINTRA, Marcela Spinardi; BERNARDO, Marcia Hespanhol. Atuação do Psicólogo na Atenção Básica do SUS e a Psicologia Social. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 37, n. 4, p. 883-896, dez. 2017.

Costa, Janaina Moutinho. **Orientação profissional: um outro olhar**. *Psicol. USP*, Dez 2007, vol.18, no.4, p.79-87. ISSN 0103-6564

D'AVILA, Geruza Tavares et al. Acesso ao ensino superior e projeto de "ser alguém" para vestibulandos de um cursinho popular. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 350-358, 2011.

DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, Câmara. Notícia: Diretrizes Curriculares Nacionais Para os Cursos de Graduação em Psicologia¹. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 2, p. 205-208, 2004.

DIAS, Maria Sara de Lima; SOARES, Dulce Helena Penna. Jovem, mostre a sua cara: um estudo dMEDIClas possibilidades e limites da escolha profissional. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 27, n. 2, p. 316-331, 2007.

DIMENSTEIN, Magda. A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. **Estudos de psicologia**, v. 5, n. 1, p. 95-121, 2000.

DOS SANTOS, Larissa Medeiros Marinho. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 1, 2005.

Estatística de Inscritos por Curso. **UNESP - VESTIBULAR 2019**. São Paulo, 2018

Disponível em: <https://vestibular.unesp.br/porta1#!/2019/publicacoes/> Acesso em: 10 mar. 2019.

GOMES, Maria José et al. Evasão Acadêmica no Ensino Superior: Estudo na Área da Saúde. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**, 2010.

GONDIM, S.M.G.; BASTOS, A.V.B. e PEIXOTO, L.S.A. Áreas de atuação, atividades e abordagens teóricas do psicólogo brasileiro. In: BASTOS, A.V.B. e GONDIM, S.M.G. (org.): **O trabalho do psicólogo no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, p. 174-199, 2010.

GONDIM, S. M. G. et al. A identidade do psicólogo brasileiro. **O trabalho do psicólogo no Brasil**, p. 223-247, 2010.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Casa e mercado, amor e trabalho, natureza e profissão: controvérsias sobre o processo de mercantilização do trabalho de cuidado. **cadernos pagu**, n. 46, p. 59-77, 2016.

JAMRA, Carolina Chaccor Abou, Cecilio, Luiz Carlos de Oliveira e Correia, Tiago. Os médicos e a racionalização das práticas hospitalares: novos limites para a liberdade profissional?. **Saúde em Debate**. 2016, v. 40, n. 108.

SILVA, Janaila dos Santos. A influência dos meios de comunicação social na problemática da escolha profissional: o que isso suscita à Psicologia no campo da orientação vocacional/profissional. **Psicol. cienc. prof**, p. 60-67, 2004

MACHADO, M. H. Características sociológicas da profissão médica- Os médicos no Brasil: um retrato da realidade. **Rio de Janeiro: Fiocruz**, p. 21-51, 1995.

MAZER, Sheila Maria; MELO-SILVA, Lucy Leal. Identidade profissional do psicólogo: uma revisão da produção científica no Brasil. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, n. 2, p. 276-295, 2010.

MELLO, Sylvia L. de. Psicologia: características da profissão. **Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil**, p. 141-162, 2010.

MILLAN, Luiz Roberto et al . What is behind a student's choice for becoming a doctor?.**Clinics**, São Paulo , v. 60, n. 2, p. 143-150, Apr. 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: Investigações em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2011.

NEPOMUCENO, Ricardo Ferreira; WITTER, Geraldina Porto. Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 1, 2010.

OLLIVIER, Michèle. Status em sociedades pós-modernas: a renovação de um conceito. **Lua Nova**, São Paulo, n. 77, p. 41-71, 2009.

PEREIRA-NETO, André de F. A profissão médica em questão (1922): dimensão histórica e sociológica. **Cadernos de saúde pública**, v. 11, p. 600-615, 1995.

PRACA, Kátia Botelho Diamico; NOVAES, Heliane Guimarães Vieites. A representação social do trabalho do psicólogo. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 32-47, June 2004.

RAMOS-CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu; LIMA, Maria Cristina Pereira. A formação da identidade do médico: implicações para o ensino de graduação em Medicina. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 6, p. 107-116, 2002.

REIS, Carolina dos; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Encontros e desencontros entre Psicologia e Política: formando, deformando e transformando profissionais de saúde. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. 4, p. 854-867, Dec. 2010.

RONZANI, T. M.; RODRIGUES, M. C. O psicólogo na atenção primária à saúde: contribuições, desafios, redirecionamentos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 26 (1): 132-143, 2006.

SANGION, J. Vestibular 2019: 76 mil candidatos estão inscritos para a primeira fase. **UNICAMP – NOTÍCIAS**, Campinas, 2018.

Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2018/09/21/vestibular-2019-76-mil-candidatos-estao-inscritos-para-primeira-fase> Acesso em: 10 mar. 2019.

SCHNEIDER, Amanda Mom berger; MOREIRA, Mariana Calesso. Psicólogo Intensivista: Reflexões sobre a Inserção Profissional no Âmbito Hospitalar, Formação e Prática Profissional. **Trends Psychol.**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 3, p. 1225-1239, set. 2017.

SOUSADAVI, Renata et al. O psicólogo nas Unidades Básicas de Saúde: relatos distantes do SUS. **Act.Psi**, José, San Pedro Montes de Oca, v. 30, n. 120, p. 71-83, June 2016.

Unesp divulga cursos mais concorridos no vestibular 2018; medicina lidera. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2017.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/10/1929840-unesp-divulga-cursos-mais-concorridos-no-vestibular-2018-medicina-lidera.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2019.

Vestibular da USP: Fuvest divulga relação candidato/vaga e locais de prova. **Jornal da Usp**, São Paulo, 2018.

Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/ingresso/fuvest-divulga-relacao-candidatovaga-para-o-vestibular-usp-2018/> Acesso em: 10 mar. 2019.

YAMAMOTO, O. H.; SOUZA, J. A. J. de; SILVA, N. e ZANELLI, J. C. A formação básica, pós-graduada e complementar do psicólogo no Brasil. In: BASTOS, A. V. B. e GONDIM, S. M. G. (orgs). **O trabalho do psicólogo no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Contatos: giovannamaringeli@yahoo.com.br e erich.franco@mackenzie.br